

Arquitetura de escolas no século XIX - Primeiras escolas construídas no Brasil¹

Francisca Maria Teresa dos Reis Baltar²

Resumo

Através da observação dos **programas arquitetônicos de escolas** publicados na França, numa revista de arquitetura do século XIX, podemos perceber que aqui, no Brasil, quando se começou a construir prédios próprios a escolas, na segunda metade daquele século, seguiu-se também **programas** que foram, provavelmente, baseados naqueles, mas com as devidas adaptações às nossas necessidades e possibilidades.

As primeiras escolas construídas estavam no Rio de Janeiro, capital do Império, e a escolha das que foram construídas pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva se justifica por ter sido ele autor do maior número de edifícios apropriados a diferentes tipos de escolas. A análise delas nos ajudarão a comprovar a existência e utilização dos **programas**, que poderiam ser mais ou menos específicos, dependendo das características do ensino pretendido.

Palavras-chave: Arquitetura Escolas – Arquitetura, Programas arquitetônicos de escolas, Arquitetura – Rio de Janeiro (cidade) – século XIX, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva.

Abstract

Through the observation of schools' architectural programs published in France, in an architecture magazine of the XIXth century, we can notice that here, in Brazil, when the construction of schools proper buildings started, on the second half of that century, some programs were initiated probably based on those ones, taking in account our needs and possibilities.

The earliest schools built were in Rio de Janeiro, capital of the Empire, and the choosing of those built by the architect Francisco Joaquim Bethencourt da Silva is justified by the fact that he was the author of the vast majority of buildings specific to the different types of schools. Their study will help us to prove the program's existence and utilization, which could have been more or less specific, depending on the characteristics of what was intended to teach.

Key words: Schools' architectural; Architecture.

¹ Artigo baseado na dissertação de Mestrado em História e Crítica da Arte. Centro de Letras e Artes, UFRJ.

² Professora de Educação Artística do Ensino Médio do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

No século XIX, a funcionalidade era o principal aspecto da arquitetura e as questões práticas a chave dos projetos, o que levou a que se chegasse a padrões ideais para seus diversos usos – os **programas arquitetônicos** então desenvolvidos. Assim, as escolas construídas também seguiram um padrão determinado que foi sendo modificado com o passar do tempo por causa das mudanças ocorridas: a quem se pretendia dar educação; o que se esperava dessa educação; a disponibilidade financeira para ministrá-la; os avanços tecnológicos e as decorrentes possibilidades na construção; e exigências dos usuários.

Por isso, os programas arquitetônicos de escolas sempre caminharam junto à Legislação Escolar e aos métodos de ensino, tentando atender às inúmeras necessidades criadas a partir da nova sociedade industrial.

Querendo tratar da arquitetura de escolas no Brasil do século XIX, durante o Segundo Reinado, escolhemos a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, onde surgiram os primeiros prédios construídos com o objetivo de servirem de escolas, porque até então elas haviam funcionado em locais adaptados ao uso educacional.

Para chegarmos a uma especificidade maior, optamos pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, pois ele, dentre os que projetaram escolas nesse período, foi o responsável pela maior quantidade delas e com intenções diferentes pois nem todas atenderiam ao mesmo tipo de alunos e, ainda, por ter sido ele também um educador competente e participante, o que deve ter-lhe dado mais respaldo ao pensar a disposição desses prédios.

Para entendermos esses **programas arquitetônicos de escolas** nos baseamos principalmente nos que foram constantemente publicados na *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*³ - periódico editado em Paris, sob a direção de Cesar Daly, com a finalidade de divulgar tudo o que de novo houvesse sobre todos os setores da arquitetura - já que dos nossos construtores nada foi encontrado.

O maior número de exemplos de escolas, publicados na revista, estavam na França, onde houve a expansão dos estabelecimentos de ensino depois de 1835 e o Estado passou a exigir condições de salubridade e grandeza aos prédios que iriam substituir os antigos, estreitos e abafados, da época da Restauração e do Rei Luís Filipe.

³ A *Revue générale de l'architecture et des travaux publics* foi publicada mensalmente, de 1840 a 1886. A biblioteca da Escola de Belas Artes da UFRJ conserva esses exemplares, reunidos em volumes anuais, desde o tempo da Academia, quando nossos arquitetos lá estudavam com professores, muitos dos quais discípulos do francês Grandjean de Montigny, influenciados pela cultura européia, particularmente a francesa

Sabemos que recebíamos regularmente essas publicações e, como nas artes fomos influenciados diretamente pela França, principalmente depois da vinda da Missão Artística Francesa, imaginamos que elas tenham servido de diretriz aos nossos arquitetos. Além disso, o método de ensino mútuo, então adotado no Brasil, era o mesmo adotado nesse período de multiplicação das escolas francesas e exigia prédios adequados à sua aplicação.

O detalhamento com que esses **programas** foram apresentados na revista, no decorrer do século, nos mostrou as transformações por que passaram e, graças aos comentários dos autores, pudemos distinguir as causas e transferir conclusões para as escolas daqui.

Programas Arquitetônicos

Os **programas de escolas** foram sendo publicados, aos poucos, na *Revue*, espalhados por números nem sempre subseqüentes, à medida que iam sendo formulados ou reformulados com a intenção de atender às exigências da legislação e dos métodos de ensino em uso, do conforto, do estilo e, ainda, da limitação econômica.

Pelo que podemos observar, eram essas publicações os pontos de referência utilizados na hora da organização dos novos programas, fazendo-se, é claro, adaptações às necessidades do momento.

Foram selecionados exemplos de interesse para as escolas construídas no Rio de Janeiro Imperial e colocados cronologicamente, alternando os diversos tipos de construção - escolas laicas ou religiosas, de meninos e meninas, rurais ou urbanas, secundárias - , demonstrando as modificações ocorridas, exigidas pelo constante progresso que fazia com que os programas se transformassem.

No que se refere à divisão dos prédios, à sua configuração - pátios e cômodos, iluminação natural ou noturna, ventilação - ou ao conforto almejado, incluindo aí algumas referências ao mobiliário, principalmente no que diz respeito ao bom desempenho do método de ensino adotado, as soluções irão aparecendo naturalmente, à medida que cada prédio analisado mostre como resolveu os problemas encontrados.

Os "grupos escolares", na França, eram formados por uma escola de meninos, uma de meninas e uma maternal⁴ para crianças pequenas. O

⁴"Escola maternal" foi a maneira encontrada para expressar o significado de *salle d'asile* ou *asile* que era, na França, um edifício, público ou privado, destinado a receber alunos dos dois sexos, com mais de dois anos e até 6 ou 7 anos. Nessa idade as necessidades são mais maternas que pedagógicas, de substituição momentânea das mães ausentes (observação do próprio Lequeux, autor do artigo). Em 1881 as *salle d'asile*

Conselho (que resolvia as questões da educação) era partidário de multiplicar-se o número de estabelecimentos em vez de expor-se aos riscos, para a saúde, resultantes da aglomeração em prédios mais amplos.

Precisamos ressaltar que, durante quase todo o século XIX, não se misturavam alunos dos dois sexos em hipótese alguma, o que foi essencial à disposição escolhida para os prédios dos grupos escolares e escolas maternas laicas, que abrigavam meninos e meninas, pois as escolas religiosas eram sempre só de um sexo ou de outro.

Quando o prédio era o mesmo para abrigar meninos e meninas, como no caso das escolas maternas, devia possuir todas as disposições simétricas para que os alunos pudessem ser separados em dois grupos, tanto durante os exercícios quanto na recreação (elas não serão descritas pois não tivemos essa especialidade aqui no Brasil do século XIX). As escolas de meninas e as de meninos ficavam em prédios independentes, apenas pertencendo ao mesmo grupo escolar.

Os regulamentos oficiais regeram a construção das escolas e se inspiraram nas exigências de higiene e nos métodos de ensino em vigor, entrando nos detalhes mais minuciosos e impondo, aos arquitetos, dados muito precisos. A nós interessa, principalmente, os **programas de escolas** mais antigos, da primeira metade e dos meados do século, que podem ter influenciado nossos arquitetos na construção dos primeiros prédios projetados para funcionarem como escolas.

Dentre as novas expectativas, a que influenciou sobremaneira no **programa** das escolas francesas, foi a do método de ensino. Existiam as escolas laicas e as religiosas. No início, as laicas, que eram públicas, adotaram o método de ensino mútuo, não por ter se mostrado ideal mas por ser o mais econômico. Esse método que já existia desde a década de 20, foi escolhido pelas administrações na década de 50. Nas escolas religiosas era adotado o método de ensino simultâneo, mais dispendioso, porém com possibilidades de atender melhor às diferenças individuais.

Com o tempo, houve a fusão dos dois sistemas, tornando a maneira de ensinar quase a mesma nos dois tipos de escolas. Algumas diferenças ainda permaneceram, sempre devido à economia⁵: nas laicas não existiam mais do que duas classes contendo, a primeira, as duas divisões elementares e a segunda, uma divisão mais avançada, enquanto as religiosas possuíam

foram substituídas pelas *écoles maternelles* ou *écoles gardiennes*(LEQUEUX. Edifícios para instrução pública – salas de asilo – escolas primárias. *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*. Paris: André, Daly Fils e Cie. p.141 e AUGÉ, Claude, *Nouveau Petit Larousse Illustré*. Paris: Librairie Larousse, 1929. P.69).

⁵No caso de escolas que obedeceram ao limite médio da quantidade de alunos por classe (em torno de 300), o preço previsto pelo Conselho para cada vaga era de 500 francos. Nem sempre esse limite foi obedecido e algumas escolas chegaram a abrir 480 vagas fazendo com que o preço por vaga caísse.

tantas classes quantas fossem necessárias para dividir os alunos em grupos de 60 ou 80 crianças; o mobiliário dos dois tipos de escolas não se pareciam e a disposição também era diferente.

O método de ensino mútuo permitia que se concentrasse numa única classe mais de 300 alunos sob a direção de um único professor primário, mas exigia também uma disposição apropriada das salas e pátios para que o desempenho do método fosse possível.

Ao descrever seus **programas** para escolas maternas e escolas primárias no departamento do Sena, para municípios com 500 a 600 habitantes uns e 2 000 habitantes outros, o arquiteto Lequeux explica como procedeu: procurou programas bem diferentes, tendo em vista a população e os recursos das localidades, e utilizou sugestões de pessoas competentes. Reconhece que muitas vezes só percebia os possíveis melhoramentos quando já não os podia mais realizar, o que não o impediu de aproveitar esses erros em construções posteriores, assim como conselhos de professores e inspetores da instrução pública.⁶

Ainda nesse artigo, o arquiteto Lequeux explica e descreve os **programas**, a partir dos que ele organizou para uma escola maternal e para uma primária destinada a grande número de alunos. Nessa descrição, o autor indica ou sugere os procedimentos mais adequados na composição dos prédios, não determinando uma disposição absoluta, mas deixando a escolha a cargo do arquiteto que saberá o que convém.⁷

Na continuação do artigo⁸, o arquiteto Lequeux descreveu uma escola construída por ele em 1849, para meninos, em Batignolles-Monceaux (Sena). Os detalhes foram dados conforme a execução e as disposições foram as aplicadas.

Essa escola foi construída para receber 332 alunos, quantidade máxima a que se deve chegar pois é muito difícil para o professor primário dirigir uma classe com mais de 300 alunos. É claro que esse é um modelo de escola para desenvolver o método de ensino mútuo:

O edifício tem o térreo, elevado sobre porão, sobreloja e primeiro andar. O porão é dividido de modo a conter, independentemente do serviço pessoal do professor, o serviço de aquecimento.

⁶LEQUEUX. Edifícios para instrução pública. Salas de maternal - escolas primárias. *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*. Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics André, Daly Fils et Cie. 1840-1887. V. 8, 1850. P. 141-147.

⁷O artigo foi dividido em duas partes ficando a descrição da escola primária para o volume seguinte, logo, só foi publicada um ano depois.

⁸LEQUEUX- Edifícios para instrução pública - Escolas primárias municipais (continuação do artigo do v.8), *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*. Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics André, Daly Fils et Cie. 1840-1887. V. 9, 1851. P.18-27.

O térreo contém a entrada, onde há uma pequena escada para o professor, o pequeno vestibulo, o parlatório, a cozinha, a sala de refeições e uma peça para alojar um ajudante de professor. Nele está também o pátio coberto ou jardim de inverno, onde os alunos guardam seus agasalhos e bolsas na chegada, ao fundo do qual encontramos a escada que conduz à classe, a passagem para as latrinas (tanto as do térreo quanto as do pátio de recreação colocado à direita). Há ainda um pátio no qual está uma torneira para uso dos alunos e para as diversas necessidades do serviço.

A sobreloja contém o alojamento do professor - quartos de dormir e dois pequenos gabinetes - e a escada.

O primeiro andar contém a classe, uma biblioteca ou sala de desenho, um depósito, latrinas próprias ao andar e as escadas (a dos alunos e a particular do professor).

É bom que as paredes ou divisórias de madeira tenham janelas de inspeção para possibilitar a vigilância durante as várias atividades nos locais devidos.

Na construção da escada dos alunos é aconselhável a multiplicação dos corrimãos para maior segurança.

A distribuição dos móveis deve ser adequada ao método de ensino: lugar do monitor geral ou supervisor e dos monitores que exerçam supervisão conveniente. Na classe, carteiras longas e na extremidade de cada uma a do monitor do grupo.

O tamanho da classe deve estar de acordo com o número de alunos para que os exercícios possam ter lugar convenientemente.

Dentre os vários sistemas de latrinas foi utilizado o que demonstrou mais vantagem: satisfaz as condições de uso simples e de salubridade. O arquiteto descreve detalhadamente o funcionamento do sistema.

Partindo desse exemplo de escolas construída ainda na primeira metade do século XIX, iremos acrescentando novos detalhes contidos em outros exemplos de escolas construídas posteriormente que, valendo-se das experimentações, foram aperfeiçoando seus programas em função de acertos ou erros e do progresso dos materiais e das técnicas empregadas na construção.

Para simplificar a leitura, procuramos descrever apenas situações novas que foram surgindo na proporção em que se diversificavam as finalidades, os locais, a disponibilidade de recursos e a capacidade criadora dos arquitetos.

No artigo do "Arquiteto da Cidade de Paris" J. Uchard, que traz o relatório feito em 1860 das escolas públicas da cidade, foram escolhidas

quatro escolas, dentre os estabelecimentos de Paris que lhe pareceram melhor dispostos e mais completos.⁹

Eram duas escolas laicas, uma para meninos e outra para meninas, fazendo parte de um grupo de três estabelecimentos (o maternal não foi citado), e duas religiosas, também uma para meninos e outra para meninas. Nesses casos surgem dimensões que nos permitem verificar o tamanho dos espaços destinados às diferentes atividades e das áreas de luz e ventilação, além de compará-los entre si.

Começemos pelas laicas, situadas à *Rue Keller* e construídas em 1844, sob plano do arquiteto Durand Billon, ambas possuindo alojamento para professor (fig. 1 e 2).

Existe um vestibulo, na frente da escola maternal, onde um porteiro vigia a entrada de todas as crianças, que dá entrada, pelo lado esquerdo, à escola de meninos e, pelo direito, à de meninas. Também entram por duas portas nesse vestibulo, seguindo essa ordem, os meninos e meninas da escola maternal.

Na escola de meninos, o jardim de inverno tem 198m^2 de superfície e 1.188m^3 de capacidade; a seção de iluminação e de ventilação tem aproximadamente 28m^2 de superfície.

O pátio descoberto tem 572m^2 .

A classe avançada para 60 alunos tem $71,20\text{m}^2$ de superfície e $310,40\text{m}^3$ de capacidade. A área de luz e ventilação tem em torno de $33,60\text{m}^3$.

Essa escola deve conter 242 crianças sendo 60 na classe avançada e 182 na classe elementar. Daí podemos deduzir a distribuição de espaço, de ar e luz para cada criança em cada ambiente.

O alojamento do professor se compõe de: entrada, cozinha, sala de jantar, pequeno salão, um quarto de dormir, um de criança e um de empregada e uma latrina.

Na escola das meninas, o jardim de inverno tem $172,8\text{m}^2$ de superfície e capacidade de $1036,80\text{m}^3$ (pouco menos que o dos meninos). A seção de luz e ar tem em torno de $23,8\text{m}^2$.

O pátio descoberto tem 445m^2 .

A classe avançada para 60 alunas tem tamanho menor que a dos meninos e a seção de ar e luz, proporcionalmente ao tamanho da sala, é muito menor.

⁹UCHARD, J. Escolas municipais da cidade de Paris. *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*, Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics André, Daly Fils et Cie. 1840-1887. V. XX, 1862. P. 9-14.

A classe elementar para 156 alunas tem $112,50\text{m}^2$ de superfície e $506,25\text{m}^3$ de capacidade. A seção de iluminação e ventilação é de 28m^2 . Essa classe, que de noite serve aos adultos, é então iluminada por 10 lâmpadas.

O alojamento da professora se divide da mesma forma que o do professor, na outra escola.

Essas duas escolas laicas, são as que estão melhor dispostas em Paris, possuem mais espaço, ar e luz, são as mais completas e fáceis de supervisionar. Os únicos inconvenientes notados são: possuir latrinas em contato direto com os jardins de inverno, o que sempre ocasiona um pouco de odor; e ter os peitoris das janelas muito altos, sobretudo nos jardins de inverno, dando para os pátios descobertos, o que lhes acarreta um pouco de sombra no inverno.

Passemos, agora, às escolas religiosas.

A escola religiosa de meninos situa-se à *Av. de Roquette*, não possui alojamento de professor (como acontecia nas escolas religiosas) mas é servida pelos "irmãos", residentes à *Rue Saint Bernard*. Contém apenas alojamento para o porteiro e dois cômodos para uso dos irmãos (um parlatório e um refeitório). Possui um pátio descoberto (onde estão, ao norte, as latrinas), um jardim de inverno e seis classes, repartidas de três em três nos dois andares. A escada que serve a essas classes está colocada num pequeno pátio de isolamento servindo ao mesmo tempo à ventilação das classes (fig. 3).

Térreo: pátio descoberto com 448m^2

jardim de inverno- 288m^2 e 448m^3

e seção de ar e luz – 80m^2

Primeiro andar: pequena classe para 141 alunos – $93,60\text{m}^2$

e seção de ar e luz – $30,60\text{m}^2$

classe média para 109 alunos – $93,60\text{m}^2$ e $374,40\text{m}^3$

e seção de ar e luz – $17,50\text{m}^2$

grande classe para 85 alunos – $93,60\text{m}^2$ e $374,40\text{m}^3$

e seção de ar e luz – $30,60\text{m}^2$

Segundo andar: grande classe para 85 alunos – $93,60\text{m}^2$ e $374,40\text{m}^3$

e seção de ar e luz – $30,60\text{m}^2$

2 classes médias para 109 alunos – $93,60\text{m}^2$ e

$374,40\text{m}^3$

e seção de ar e luz – $17,50\text{m}^2$

Por esses dados ele calcula o espaço de ar e luz para cada aluno em cada ambiente.

Na iluminação a gás, para a noite, as primeiras classes usam 12 bicos e meio, ou seja, meio bico para cada sete alunos.

Os programas dos quatro tipos de escolas eram muito parecidos e salientavam a importância de não haver compartimentos barulhentos, incômodos ou insalubres.

Sobre as classes estabeleceram as medidas de 3,50m a 4m de altura e uma forma retangular cujo comprimento fosse o dobro da largura ou mais. Diziam que seriam assoalhadas e iluminadas, o mais possível, pelas duas faces (as mais longas), à direita e à esquerda dos alunos. As melhores posições seriam leste e oeste e, em seguida, norte.

Os vãos das janelas subiriam tão alto e seriam tão numerosos quanto possível.

As paredes teriam a parte superior envidraçada, haveria uma porta de comunicação entre as salas, mas não se deveria ter que passar por uma sala para chegar à outra.

O jardim de inverno ou pátio coberto seria no térreo e, se possível, precedendo as classes e com a mesma altura. Teria também, de preferência, a mesma área das classes reunidas, seria assoalhado ou, ao menos, cimentado, se fosse no térreo.

O pátio descoberto deveria ter o dobro da superfície do jardim de inverno. O solo seria de terra batida ou de saibros e plantado com árvores.

Dever-se-ia poder chegar aos dois pátios sem passar pelas salas.

As latrinas deveriam estar no pátio descoberto, ser em número de duas para cada 100 alunos, tendo outros tantos mictórios (se fosse escola de meninos), além de uma separada para o professor ou professora.

O parlatório, com 12 a 16m de comprimento, deveria estar acomodado no pátio coberto e serviria de pequeno refeitório aos mestres supervisores.

Os alojamentos dos professores nas escolas laicas deveriam ter mais ou menos 80m² distribuídos pela entrada, cozinha, sala de jantar, dois quartos, um gabinete de trabalho, um gabinete de *toilette*, latrina, porão e lareira. As peças seriam aparquetadas, menos a cozinha, e as janelas teriam gelosias.

O alojamento de cada mestre adjunto teria 50m² mais ou menos, um quarto e um gabinete a menos que o anterior.

Esses alojamentos poderiam estar num andar acima das escolas mas o acesso não poderia ser feito pelo jardim de inverno nem pelas classes. Não deveria haver qualquer comunicação interior entre o alojamento e a escola.

“Assim o mestre não poderá trazer os alunos até sua casa. Não poderá ficar em casa nem passar para a classe negligentemente vestido, sem se expor a chamar atenção dos vizinhos. Seu

interior guardará seus mistérios. Todo esse incômodo será recompensado com a dignidade alcançada”¹²

O alojamento do porteiro, no térreo, teria aproximadamente 50m², uma saleta, dois quartos, pequena cozinha, porão ou lareira e latrina separada da dos alunos.

Deveria haver uma inscrição em painel com 2 a 3m², sobre a entrada principal na via pública, para anunciar a existência da escola.

Comentando o mobiliário e a iluminação das classes noturnas em outro artigo, o mesmo arquiteto Uchard¹³ relata que utilizavam o mesmo mobiliário das diurnas e que a iluminação consistia em colocar, sobre as mesas, um bico para cada oito alunos e um perto do professor para iluminar o quadro.

Como as classes de desenho exigiam condições especiais, quer dizer, iluminação a óleo e a gás, o mobiliário variava de acordo com o tipo de iluminação. A iluminação a óleo, nessa época, já estava ultrapassada mas ainda existia na província.

J. Uchard¹⁴ comentou também o que foi apresentado sobre mobiliário das escolas primárias pela França, América e Suécia durante a Exposição Universal de 1867.

Os Estados Unidos apresentaram a reprodução de uma escola em Illinois onde as mesas e bancos eram colocados sobre pés de ferro fundido, fixados ao solo por parafusos. Os bancos de cada mesa eram presos à mesa seguinte e se levantavam para deixar a passagem livre. Cada mesa tinha dois lugares permitindo que cada aluno entrasse e saísse do seu lado.

Essa divisão em grupos de dois ou por indivíduos, que também era encontrada na Inglaterra, tornava os alunos mais independentes e facilitava a supervisão da classe, porém, exigia mais espaço.

Uchard faz menção a uma obra, sem determiná-la, publicada em 1855 e exposta junto com o mobiliário americano, onde se podia ver que essa disposição era freqüente lá, sendo também utilizadas mesas individuais. Apresentava ainda classes com os assentos independentes das mesas seguintes, para não incomodar o colega, e mesas individuais.

¹²CLOQUET, L. *Traité d'architecture*. Paris e Liège: Librairie Technique Ch. Béranger, 1922. 2ª edição. P.252.

¹³UCHARD, J. Escolas municipais da cidade de Paris. Mobiliário e iluminação das classes noturnas e de desenho. *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*. Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics André, Daly Fils et Cie. 1840-1887. V. XXVIII, 1870. P. 129-130.

¹⁴UCHARD, J. Exposição Universal 1867. O mobiliário das escolas primárias na França, América e Suécia. *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*. Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics André, Daly Fils et Cie. 1840-1887. V. XXVII, 1869. P. 111-113.

Esse livro tão completo sobre o mobiliário das escolas americanas, relata Uchard, indicou ser mais viável aos franceses mandar alguém à América para estudar o sistema e sua aplicação do que redesenhar o mobiliário a partir de estudos completos. Já haviam experimentado o ferro no mobiliário das escolas de Paris mas o fato de terem que ser fixados ao solo por parafusos os fez desistir do uso. Preferiram a mobilidade, mais favorável à limpeza e aos reparos.

Na escola sueca, as mesas, individuais e isoladas umas das outras, possuíam desenho original, dignas de serem copiadas, e os franceses fizeram um estudo particular delas. Como na França, fizeram-nas em três dimensões, de acordo com o tamanho dos alunos. O conjunto primava pela simplicidade e comodidade das formas. Essa escola ganhou medalha de ouro.¹⁵

Quanto à Exposição Universal de 1878, no que diz respeito aos edifícios escolares, Hector Degeorge¹⁶ aproveitou o material exposto para desenvolver um ótimo trabalho abordando aspectos importantíssimos dos partidos adotados na elaboração dos programas.

A Exposição tratou de estabelecimentos de ensino primário (urbanos e rurais), estabelecimentos de ensino secundário e do mobiliário escolar.

A necessidade de construir escolas em determinados centros super povoados, cujos terrenos são raros e atingem preços excessivos não permitindo a escolha do espaço ideal, criam dificuldades para os arquitetos que precisam chegar a soluções usando criatividade e competência.

É comum a configuração do terreno os obrigar a dispensar certas disposições impostas e, a partir de pesquisas, optar por engenhosidades que levem aos resultados esperados, isto é, atendam a todas as exigências.

A cidade de Paris expôs planos de escolas primárias e maternais representando os que tinham sido executados no último período de dez anos. Dentre eles foram escolhidos dois grupos escolares com disposições que podem ser consideradas típicas dos partidos adotados de acordo com a forma do terreno.

Em relação à via pública os exemplos se apresentam em profundidade ou em largura.

Em profundidade os prédios do grupo se sucedem paralelamente à rua: a escola de meninos na frente com o jardim de inverno no térreo, as classes nos 1º e 2º andares e os alojamentos no 3º, a escola de meninas fica atrás e sua entrada é pelo prédio da frente mas de maneira reservada; no

¹⁵Ibid.

¹⁶DEGEORGE, Hector. Exposição Universal de 1878. Os edifícios escolares. *Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics*. Paris: Librairie Générale de l'Architecture et des Travaux Publics André, Daly Fils et Cie. 1840-1887. V. XXXVII, 1879. p. 14-25 e 61-64.

fundo está a escola maternal cuja entrada é a mesma da escola de meninas. Esse é o grupo escolar situado na Rue Curial.

As salas são iluminadas só de um lado - o do pátio de recreação - a fim de evitar o barulho da rua. O mobiliário é disposto em mesas de 4 alunos.

O terreno em profundidade tem a vantagem econômica - esse tipo de terreno é menos dispendioso - mas traz também a desvantagem de transformar os pátios descobertos em verdadeiros poços.

Nesse caso os pátios são retângulos com cerca de 32m por 17m, totalmente cercados de muros de 18m de altura (não se sabe se os dois muros centrais já foram montados nessa altura).

É claro que pátios de recreação assim não apresentam as condições de iluminação, ventilação e alegria ideais, observou o arquiteto Degeorge que sugere uma modificação para resolver esse problema que, no entanto, não se aplicaria ao caso por causa do barulho da rua. Quis apenas mostrar ser possível, com adaptações no programa, chegar a soluções específicas a cada caso.

Na escola construída são dois os pátios, considerando o da escola das meninas e o do asilo como sendo um só já que o último prédio não se eleva. O ar fica confinado entre os edifícios, sem movimento.

Ao revertermos a disposição obteremos ainda um poço, mas será apenas um, e os pátios descobertos que antecedem as escolas estarão beneficiando ao máximo a massa de ar das ruas próximas, podendo ajudar à ventilação do prédio que é feita pelo pátio de recreação. (fig. 5).

O outro grupo escolhido fica num terreno que tem seu maior lado sobre a via pública e se desenvolve sobre três ruas. Ele se situa na Rue Bignon e foi projetado pelo arquiteto M. Vaudremer. (fig. 6)

Tem seus prédios levantados sobre a via pública, o que não é bom, mas os pátios são reunidos num mesmo volume de ar criando um poço, é verdade, mas com uma base bem larga. A iluminação das classes e a disposição do mobiliário são iguais aos da precedente.

Para a boa ventilação das escolas, o ar deve ser abundante, não só pela massa mas pela qualidade proporcionada pela renovação. No prédio construído o ar fica confinado entre grandes edifícios enquanto as ruas próximas fornecem grande contingente de ar renovável.

Se não fosse pelos ruídos da rua, os pátios descobertos da entrada poderiam se aproveitar desse ar para beneficiar o edifício, como sugere Degeorge. Os pátios teriam grades em lugar de muros, ou muros baixos, e aumentariam, pela sua posição, a massa de ar recebida das ruas e locais vizinhos. A superfície dos pátios, diminuída pelo espaço ocupado pelos

jardins de inverno, em compensação, economizaria um andar, aumentando o volume de ar e facilitando sua renovação.

As exigências feitas pela Administração, tais como clarear as salas de um lado só, os arquitetos cumpriram. Onde a Administração não pode intervir, deixou para que os ditos arquitetos encontrassem soluções, e foi daí que surgiram tentativas interessantes, muitas das quais, com resultados muito bem sucedidos ao se tentar solucionar problemas como os de disposição dos prédios em terrenos complicados (estreitos ou em declive).

Dos dois exemplos citados podemos concluir que a iluminação geralmente adotada pela administração municipal é unilateral qualquer que seja a largura das salas.

Essa iluminação foi muito discutida e concluiu-se que seria ideal para uma classe de desenho, onde é preciso observar objetos com volume e ele será melhor percebido com o jogo de sombras ocasionado por uma iluminação unilateral.

Uma sala, convenientemente iluminada, deverá receber à direita uma luz atenuada, para não fazer sombra da mão que escreve, e à esquerda uma luz franca.

Quase todas as escolas se prestam a esse disposição da luz. Se a parede da direita é um muro externo será fácil vazá-la e envidraçar o vão com um vidro fosco. Se essa parede é interna, deve acompanhar um corredor ou dar para o jardim de inverno o que também permite envidraçá-la para obter o complemento necessário à insuficiente iluminação da esquerda.

É um ponto de opinião unânime o fato de que a luz mais intensa deva penetrar pelo lado esquerdo do aluno.

A distribuição dos raios luminosos pela sala será tanto melhor quanto menor for a distância que vai da janela à parede oposta. O aumento da altura do teto e da janela melhora a iluminação - verticalidade dos raios luminosos. O número de andares atrapalha essa verticalidade que pode ser complementada com a iluminação do lado direito que, no entanto, tem o inconveniente da sombra da mão que escreve e atinge principalmente os alunos do lado direito da sala, que estarão recebendo mais luz desse mesmo lado. Os colocados do lado esquerdo estarão próximos da perfeição: sem sombra na mão, os olhos se esforçando igualmente, iluminados por uma luz difusa.

Na opinião do arquiteto Hector Degeorge¹⁷, o importante é a distribuição do ar e da luz, o resto se faz com talento, engenhosidade e pesquisa.

¹⁷Ibid. p. 23.

Os comentários sobre as escolas secundárias¹⁸, mostram um ponto muito importante de diferenciação entre elas - liceus ou colégios - e as escolas primárias. É que as secundárias devem receber alunos internos, o que não ocorre na escola primária.

Por isso a ordem é fundamental nesse tipo de escola e ela deve ser imposta, tanto aos alunos quanto ao pessoal do serviço que, normalmente, estão sempre tentando escapar da disciplina. A essas tentativas de desordem nada se presta tão bem quanto corredores, escadas, despensas... O melhor, nesse caso, será o arquiteto usar o menos possível recursos desse tipo na distribuição.

A escola do Boulevard de Hainaut, em Bruxelas, emprega pátios cercados de pórticos que permitem chegar à cobertura das latrinas e ao ginásio por um caminho coberto. Tem uma disposição considerada excelente, com uma localização natural para os ginásios, para as recreações, para o mau tempo e para a distribuição de prêmios.

Essa escola, cuja parte construída sobre a via pública foi tão restrita quanto possível, analisa Degeorge, resultando num conjunto de prédios encaixados que poderiam ser insuficientemente arejados se não tivesse sido encontrada a solução ideal: toda a escola foi agrupada em torno de um pátio coberto central que serve de jardim de inverno, simplifica os acessos e facilita a supervisão, que se faz por si mesma. (fig. 7)

Escolas construídas no Rio de Janeiro por Bethencourt da Silva

Aqui no Brasil, nós quase não tivemos **programas** documentados no século XIX, principalmente **programas de escolas**, mas é claro que nossos arquitetos, além de se inspirarem nesses modelos e regras importados, que foram divulgados aqui, devem tê-los adaptado às características do país: econômicas, culturais, climáticas e educacionais, o que poderemos comprovar observando as disposições das escolas. A troca de idéias e experiências entre si, como na Europa, fica óbvia nas várias características comuns às escolas construídas entre 1870 e 1889.

Infelizmente não encontramos material que comprove essas suposições de inspiração nos programas europeus ou de intercâmbio entre os profissionais da construção, mas as próprias disposições das escolas os demonstram com a semelhança das soluções: em relação à distribuição, aos materiais ou aos estilos empregados. Alguns documentos, porém,

¹⁸Ibid. p. 63-64.

demonstraram as interferências governamentais e as exigências da legislação a que todos os programas de escola estiveram sujeitos aqui no Brasil.

O arquiteto Bethencourt da Silva, dentro de sua produção arquitetônica, construiu um bom número de escolas, principalmente se comparado com qualquer outro arquiteto ou engenheiro que tenha trabalhado nesse ramo, o que nos leva a considerá-lo um especialista no assunto, inclusive pelo seu envolvimento com a educação. Foram de sua autoria, escolas primárias, secundárias e mesmo outros tipos mais específicos como uma escola de cegos ou um asilo de meninas para a Santa Casa de Misericórdia.

Construiu escolas públicas primárias justamente quando se iniciou esse tipo de construção oficial no Brasil. Nunca havia existido, por parte do governo, essa preocupação ou experiência, construía-se apenas as escolas de ensino superior que começavam a ser criadas, mas tinham outros objetivos, como, por exemplo, a própria Academia de Belas Artes projetada por Grandjean de Montigny. Existiam, é verdade, várias escolas particulares - religiosas e leigas¹⁹, fundadas a partir do impulso que a chegada da corte portuguesa deu à educação, mas não se tem notícia de como eram construídas e em que se baseavam para determinar sua disposição, apenas que eram somente de meninas ou de meninos, como as públicas.

Nos edifícios que construiu, Bethencourt da Silva demonstra sua atualidade, no cuidado com a disposição do prédio que deveria estar, a partir de então, de acordo com a função a desempenhar, e ousadia e criatividade, em quase todos os projetos de sua autoria na década de 1870, quando o historicismo já se manifestara aqui no Brasil, ao romper com o neoclassicismo puro de Grandjean de Montigny, adotado por ele mesmo até então, para enveredar por outros caminhos, principalmente o do neo-renascimento.

O Liceu de Artes e Ofícios foi “pensado” por Bethencourt da Silva, não se podendo dizer “construído” por ele. A instituição começara, por iniciativa sua, funcionando em sacristias até mudar-se para um prédio, já pronto, arranjado para tal. Era um sobrado construído, por volta de 1815, para servir de moradia ao guarda-jóias da casa real. Além de outros usos, aí também funcionou a Secretaria do Império²⁰ e depois a Tipografia Nacional, para a qual foi ideal o tipo de edifício - com pouca iluminação proveniente apenas dos óculos nas paredes - que protegeu impressos importantes contra

¹⁹FERREZ, Gilberto (textos e org.), MOUILLOT, Marcel (dir. da execução). *A muito leal e heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução*. Paris: ed. por: Raymundo de Castro Maya, Candido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista S. A., 1965. P. 170.

²⁰AZEVEDO, Moreira de. Op.cit. P. 107 e 110.

a umidade e os cupins²¹, até sua transferência para edifício próprio em 1877²². O Ministro do Império Dr. José Bento da Cunha Figueiredo deu esse edifício para o Liceu que para lá se mudou em 1878.

A velha construção fora adaptada para acomodar os alunos do Liceu proporcionando-lhes uma educação voltada à formação profissional e o fundador deve ter distribuído as instalações em função das atividades, bem específicas, a serem desenvolvidas. Quando a instituição foi aberta às mulheres, as acomodações devidas foram arranjadas, uma vez que elas não poderiam conviver com os alunos do sexo masculino. Utilizou-se o prédio térreo contíguo, que fora quartel do regimento de cavalaria, para lá instalar as meninas.

No fim do século, em 1893, um incêndio destruiu grande parte do prédio do Liceu e Bethencourt da Silva o reconstruiu e, como não conseguimos comprovação só podemos concluir o que seria óbvio, ele deve ter procurado, nessa oportunidade, resolver os problemas detectados ao usar o prédio como escola.

No início de nosso século, com a abertura da Avenida Central pelo prefeito Pereira Passos, o Liceu de Artes e Ofícios recebeu um terreno para construir sede apropriada às suas necessidades. Ocupou os números 164, 166, 168, 170, 172, 174, 176 e 178 e o projeto de edificação foi do arquiteto que o fundara e sempre o dirigira, como consta no álbum da Avenida Central²³, onde o prédio só aparece em desenho por não estar pronto na época das fotos documentais. De qualquer modo, ele não mais existe e não foi encontrado nada mais sobre sua arquitetura, nosso interesse principal.

De sua autoria, também, foi o prédio do Asilo da Santa Casa de Misericórdia, em estilo ainda neoclássico, cuja solução Mário Barata²⁴ reconheceu como exemplo para grandes educandários. O procurado “equilíbrio” clássico era perfeito nessa disposição com uma entrada central e vestíbulo e a divisão interna em duas partes, cada uma com seu pátio.

A construção distribui-se por toda a volta do enorme terreno e as fachadas das quatro faces repetem-se de duas em duas, nas posições opostas, quase perfeitamente iguais: as laterais, uma delas beirando a rua; e duas frentes, com a entrada principal numa delas, dando para um jardim. Essas duas entradas, ambas se projetando pouco além do resto do edifício, acessíveis por escadarias e terminadas por frontão triangular, são os

²¹ROSA, Ferreira da. *O Comentário*. Rio de Janeiro: série II, nº 1, mensal, maio de 1904, p.237-241.

²²BRENNNA, Giovanna Rosso del. *Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX)*. In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na literatura Brasileira*. S. Paulo: Nobel e Ed. da Universidade de S. Paulo, 1987.

²³JOÃO FORTES ENGENHARIA. *O álbum da Avenida Central de Marc Ferrez*. São Paulo: Ex Libris, 1982.

²⁴BARATA, Mário. *Século XIX. Transição e início do século XX*. In: *História Geral da Arte no Brasil*. ZANINI, Walter, org. V. I. S. Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2 v. P.394-396.

extremos do corpo central que divide o edifício ao meio determinando os dois pátios centrais perfeitamente iguais.

Na portada da entrada principal aparecem todos os elementos clássicos: entablamento completo apoiado em pilastras e frontão triangular. Ela é composta por três grandes portas emolduradas com granito e ladeadas por duas janelas. Na parte posterior a portada é mais estreita e mais simples, só com as três portas (fig. 8).

Na fachada principal existem portas-janelas com sacada e as janelas das outras três faces são todas iguais com vergas e sobrevergas retas e localizadas sobre mezaninos²⁵ retangulares. Todas as linhas desse prédio são retas, até as pilastras são de base quadrada. É bem representativo do que classificamos como neoclássico pelo seu rigor construtivo.

A inauguração do edifício, em 1866, durante a guerra do Paraguai, foi possível graças a doações. Na época o Rio de Janeiro não dispunha de estabelecimentos semelhantes e o Recolhimento era considerado uma casa padrão, com assistência médica e religiosa e um dote instituído para o casamento das meninas.

Este parece, pelo ano em que começou a funcionar, ter sido o primeiro projeto de Bethencourt da Silva com objetivos educacionais. A escolha do estilo foi muito feliz por atender às necessidades daquele tipo de instituição - acolher e formar intelectual e moralmente as meninas, muitas órfãs morando no asilo, onde recebiam instrução, preparo religioso e alguma formação profissional.

Em seguida a esse trabalho deve ter vindo a reforma do Colégio Pedro II, criado pelo decreto de 12 de dezembro de 1831 para funcionar no prédio do antigo Seminário de S. Joaquim que fora adaptado, nessa época, pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny. O arquiteto Bethencourt da Silva fez o plano de reconstrução e deu andamento às obras²⁶.

A fachada que, podemos dizer, com a reconstrução tornou-se principal, estendia-se pela R. Larga até a esquina com a R. da Imperatriz (atual Camerino), fazendo ângulo reto com a antiga entrada, ao lado da igreja. Apresentava no primeiro pavimento, revestido de cantaria, cinco janelas de peitoril e, no segundo, outras tantas janelas rasgadas com sacadas de balaústres de mármore; um ático coroava esta e as outras faces reconstruídas que davam para a rua da Imperatriz e da Prainha.

²⁵Nesse texto, chamamos mezanino, como vários autores, às janelas de porão que também podem ser assim denominadas, às do andar térreo do edifício quando retangulares e na mesma largura das outras mas com menos altura, as vezes localizadas acima da vista de quem passa na rua, e ainda às, com essas mesmas características, colocadas sobre portas ou janelas para completar a ventilação. No prédio em questão elas são exatamente janelas de porão mas com a mesma altura das janelas comuns.

²⁶ AZEVEDO, Moreira de. *O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades...* 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969, 2 v. V..II.

O arquiteto arredondou o maior ângulo, formado pela rua da Imperatriz com a de S. Joaquim, e levantou aí um pórtico de cantaria com duas pilastras no primeiro pavimento, duas no segundo e na parte superior acrotérios com estátuas de mármore. Abriu, no primeiro pavimento desse pórtico, três portas, colocando sobre a central um escudo de bronze com a legenda Pedro II e os emblemas do fumo e café e, no segundo, três janelas rasgadas com sacadas isoladas de balaústres de mármore, estando a central entre duas colunas (fig. 9). Essa seria a entrada principal do colégio.

Nas partes reformadas o arquiteto levantara o madeiramento mais de um metro, substituíra os óculos de cantaria por mezaninos retangulares, dando luz e ar às salas sem devassá-las aos transeuntes das ruas circunvizinhas, e ampliara as antigas janelinhas.

No interior, o primeiro pavimento tinha a portaria com chão ladrilhado de mármore (ainda a antiga), sala para o porteiro, seis salas de aula, capela, refeitório, uma sala para o vice-reitor, uma para os professores, quartos de criados, salas de banho, cozinha, despensa e as latrinas: as dos alunos em um elegante chalé no centro de um pátio ajardinado e as dos professores e inspetores em lugar separado.

Outro pátio, no centro do edifício, abrigava os aparelhos de ginástica sob a sombra de grandes amendoeiras e era cercado na face da frente e ao lado direito por uma varanda ladrilhada de mosaico de mármore e com gradaria de ferro entre arcos de alvenaria.

A escada da portaria conduzia ao segundo pavimento onde estava a biblioteca, a secretaria, o salão de exames, três salas de aula, os aposentos do reitor e do vice-reitor, uma sala com o retrato de D. Pedro II e o salão do bacharelado que a precedia, inaugurado a 27 de fevereiro de 1875. Uma escada, construída depois, serviu à nova entrada da esquina, e deu mais fama ao seu construtor.

Essa reforma que reconstruiu faces e consertou imperfeições procurou transformar os edifícios num harmonioso conjunto.

A Escola Municipal da Freguesia da Glória teve sua construção iniciada em 1870 e foi inaugurada em 9 de abril de 1875. O edifício construído pelo Governo Imperial, destinava-se a duas escolas separadas para os dois sexos. Possuía uma biblioteca popular, habitação para professores e sala para celebração de sessões e conferências. (fig. 10)

O prédio, ocupando área de 2 000 metros quadrados em terreno localizado no lado norte do Largo do Machado, divide-se em três corpos sobre porão, todos de dois pavimentos, com mezaninos para completarem a ventilação das salas do térreo. O corpo central, recuado em relação à rua, abriga um saguão com escada, começando em lance único que se divide em dois com direções opostas até atingirem o segundo andar (característica de

Bethencourt), e dá espaço a um pátio ajardinado na frente. Nas laterais estavam as entradas de cada uma das duas escolas, dos meninos e das meninas, completamente independentes. Os pátios de recreação ficavam atrás das duas escolas, ocupando toda a largura do edifício, provavelmente separados por muro.

Em toda a fachada, a parte de baixo é revestida em cantaria, todas as janelas e portas-janelas têm vergas e sobrevergas retas também em cantaria, mas as da portada principal, formada por três portas, são ornamentadas e se abrem para um balcão único com balaustrada também em pedra. Os mezaninos das laterais também têm sobrevergas ornamentadas e as janelas do térreo dos corpos avançados têm, entre as vergas e as sobrevergas retas, alguma ornamentação. A cornija é toda escorada em apoios decorados e o entablamento é coroado por um ático com estátuas, representando as Letras, as Artes, o Comércio e a Indústria, sobre a portada principal, interrompido por frontão com as armas imperiais.

O arquiteto se inspirou no neo-renascimento utilizando elementos arquitetônicos bastante ornamentados e outros elementos visuais, o que preenche os requisitos para classificar o prédio dentro do que Paulo Santos²⁷ chamou de estilo “francamente eclético”.

A Escola Municipal da Freguesia de Sta. Rita, também fora projetada por Bethencourt da Silva com três corpos de dois pavimentos, só que, ao contrário da anterior, o central era avançado entre os laterais, que abrigavam, separadas, as escolas de meninos e meninas. Ainda pode-se ver escrito nas portas laterais: Escola de Meninos e Escola de Meninas.

Sua construção teve início em 1871 e a inauguração aconteceu em 1877, na Rua da Harmonia (atual Pedro Ernesto), no bairro da Saúde, pelo Ministério do Império.

Como a anterior, tem a fachada do térreo toda revestida em cantaria que chega até o mezanino, acima das janelas do térreo. À portada, com três portas, tem-se acesso por dois lances de escadas em sentido contrário, com guarda-corpos em cantaria, iguais a todos os balcões do edifício. As três portas-janelas sobre a portada têm como sobrevergas frontões triangulares e dão, todas, para um balcão único enquanto as outras portas-janelas do segundo pavimento possuem sobrevergas retas e também dão para balcões (fig. 11). Os pátios ficam nas laterais do edifício, por trás da parte da frente, atingindo os limites do terreno, um para cada escola, totalmente independentes.

A construção desenvolveu-se na profundidade do terreno, com as salas de aula, os pátios e as partes de serviço, num único andar térreo. O segundo pavimento se eleva apenas sobre a parte da frente que, no corpo

²⁷SANTOS, Paulo. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981. P. 70.

central, podia servir à administração comum às duas escolas e, nos laterais, à entrada e instalações principais, iguais e independentes.

O que temos é a planta do prédio hoje, preparado para funcionar como Centro Cultural, mas ajuda a imaginar como era antes, enquanto funcionava como escola. (fig. 12 e 13)

Essas duas escolas públicas e primárias foram as que ficaram conhecidas como “Palácios do ABC” juntamente com a da Freguesia de Santana que não fora projetada por Bethencourt da Silva, demonstrando o impacto, então, causado por essas construções.

Um edifício apropriado e de grandes dimensões foi construído na antiga Praia da Saudade (onde é hoje a Avenida Pasteur) por Bethencourt da Silva, para abrigar a Escola dos Meninos Cegos que, a partir de 1890, passou a ser chamada de Instituto Benjamin Constant. Fora criada uma Associação Protetora dos Cegos Desvalidos com a finalidade de conseguir fundos para manter a instituição e ela lutou pela sua reorganização a fim de adaptá-la às necessidades trazidas pelo aumento do número de alunos, oferecendo-lhes melhores condições e oportunidades. Podiam desenvolver a instrução teórica e prática, trabalhar nas oficinas existentes ou em outras a serem criadas e aperfeiçoar o aprendizado vocal e instrumental. Queria, ainda, estender a educação às províncias do Império.

Seguindo um plano idealizado pelo Dr. Benjamin Constant, diretor do estabelecimento e conhecedor das necessidades inerentes à acomodação e educação de cegos de ambos os sexos e de todas as idades, o arquiteto cuidou do desenho e da construção, em terreno doado pelo Imperador. Nesse caso, apesar dos objetivos ainda serem educacionais, apresentavam um maior grau de especificidade pela particularidade do tipo de alunos e nada melhor para desenvolver um bom programa do que utilizar a experiência de pessoas especializadas nos assuntos diretamente ligados ao uso do edifício, o que passara a ser comum no século passado.

O Instituto, ocupando superfície de 9 516 metros quadrados, possui amplo pátio interno e colunas jônicas colossais no pórtico abrangendo os dois pavimentos superiores. A parte mais baixa da construção é toda revestida em cantaria e passa quase despercebida, parecendo mais um porão alto, com seus mezaninos, do que um pavimento térreo, até pela escadaria do pórtico que remete diretamente ao segundo andar. A elegante e sóbria ornamentação restringe-se às portas-janelas de sacadas com sobrevergas retas ou em forma de frontão triangular, essas aparecendo apenas nos corpos avançados das extremidades. As sacadas, as vergas e as sobrevergas são em cantaria. Termina num entablamento liso com platibandas sem nenhuma decoração (fig. 14).

A pedra inaugural foi lançada a 7 de julho de 1872 e Moreira de Azevedo²⁸, em seu livro terminado em 1877, diz estar o Governo construindo um “palácio para instrução e educação dos meninos cegos”. Projetado para abrigar 800 alunos, só em 20 de setembro de 1896 inaugurou-se metade da nova sede e com capacidade para apenas 200 alunos²⁹.

Francisco Joaquim Bethencourt da Silva ainda construiu a Escola Pública da Freguesia de S. Francisco Xavier do Engenho Novo, depois chamada Orsina da Fonseca.

Sobre esse prédio não se encontrou muita coisa. Sabe-se que a pedra fundamental foi lançada em 1873 e a inauguração ocorreu em 1877. O partido usado era diferente do das outras escolas, o edifício distribuía-se em duas alas ladeando o pátio e o arquiteto já empregou o ferro nos guarda corpos e na sustentação das marquises das varandas.

Observando as escolas do arquiteto Bethencourt, construídas com algum intervalo de tempo e visando atendimentos distintos, é possível destacar características constantes, devidas ao estilo pessoal do autor ou ao emprego dos diferentes programas de escolas. Ajudou-nos nessa diferenciação a comparação com outros trabalhos do arquiteto, com as escolas do mesmo período e com as escolas citadas como exemplares nos **programas de escolas da França**, o que nos pode revelar soluções comuns para mesmos problemas ou inéditas para os problemas particulares a cada edifício ou exclusivos do nosso país.

Dentre as peculiaridades do arquiteto, encontradas também em outros tipos de edifícios que tenha construído, podemos citar: em primeiro lugar o cuidado no desempenho dos trabalhos, seja ao projetá-los ou executá-los, utilizando material e mão de obra de ótima qualidade, tendo em vista o estado de conservação em que se encontram os remanescentes; o rigor com que fez uso dos elementos arquitetônicos, na maior parte das vezes, clássicos; a freqüência do emprego de mezaninos, como janelas de porões, substituindo janelas do térreo ou aumentando a ventilação fornecida por janelas e portas; janelas e portas com vergas retas (exceção das situadas no andar térreo da Caixa Econômica da R. D. Manuel), muitas vezes encimadas por sobrevergas ou por frontões também retos; equilíbrio na distribuição das partes; platibandas com estátuas, de simbologia relacionada ao uso do prédio, ou vasos; e as escadas dos saguões de entrada (das quais, as mais famosas, em madeira, foram comentadas por diversos autores mas não encontramos foto alguma) que começavam em um único

²⁸ AZEVEDO, Moreira. Op. cit. P. 120.

²⁹ BELCHIOR, Elysio de Oliveira. Anotações. In: AZEVEDO, Moreira de. Op. cit. P. 124.

lance e se dividiam em dois, opostos, cada um para um lado do andar seguinte.

Ainda podemos dizer que Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, exigente e escrupuloso, construiu seus primeiros edifícios no estilo neoclássico, herdado do mestre Grandjean de Montigny, dentre os quais estava o Asilo da Santa Casa de Misericórdia, inaugurado ainda em 1866, neoclássico não só na fachada mas também na planta.

O prédio do Colégio Pedro II, que não fora construído mas reformado por ele, apesar de muito sóbrio já demonstrava, na fachada, características que consideramos determinantes do ecletismo, ainda mais com as partes não reformadas conservando os estilos originais integradas ao conjunto. A distribuição não era clássica e, mesmo que ele a preferisse, como teve que partir do que já existia e estava disposto de maneira totalmente irregular devido às constantes ampliações, seria muito difícil consegui-la. Sendo a escola só de meninos, as instalações não precisariam ser repetidas, e o arquiteto projetou, num extremo do edifício, uma esquina em curva com a portada de entrada do colégio. Essa também poderia ser a solução encontrada para obter um certo equilíbrio na fachada pois, se nos colocarmos de frente para a porta do meio, justamente a que arredonda o ângulo, a veremos quase como o centro das duas fachadas, em “L”, reformadas.

Nos outros prédios para escolas ele adotou o ecletismo ortodoxo nas fachadas e as plantas continuaram clássicas, não só por se prestarem à divisão em duas, comportando escolas para meninos e meninas, mas pelo gosto ao equilíbrio mesmo, pois no Asilo da Santa Casa, só para meninas, os lados se repetiam idênticos e no Instituto dos Cegos, onde os alunos dos dois sexos conviveriam, o projeto se desdobrava em lados exatamente iguais em torno de um pátio central, apesar de inicialmente terem executado apenas uma metade.

Quanto à disposição, suas escolas atenderam às preocupações existentes, muitas das quais abordadas nos **programas gerais de escolas**. Não pudemos constatar todas devido à falta de documentação e às mudanças operadas nos prédios remanescentes, mas muitas, pelos vestígios encontrados ou por informações, conseguimos confirmar. Dessas, algumas fizeram parte também de edifícios de outras autorias construídos para escolas na mesma época e, por isso, concluímos fazer parte dos **ossos programas de escolas**, pois nem sempre as soluções foram exatamente as mesmas sugeridas nos programas de escolas gerais. Por exemplo: escolas primárias divididas em três corpos, onde o central serve à administração comum e os laterais, idênticos e independentes, às duas escolas – de meninos e de meninas; varandas internas, para onde davam as portas das

salas, geralmente rodeando os pátios, servindo de passagem coberta de uma parte à outra do edifício; pátios de recreação mais freqüentemente descobertos, tendo em vista o nosso clima que não é propenso à chuva nem ao frio, mas ao sol quente do qual eram protegidos por árvores frondosas (em vez dos ginásios das escolas européias, os exercícios físicos tinham lugar nesses mesmos pátios); por causa da preocupação com a salubridade, considerada essencial, também neles se localizavam as latrinas, as dos alunos separadas das dos professores e funcionários; as salas de aula e os salões para celebrações, precisando receber ventilação abundante, ainda por conta da salubridade, e bastante iluminação, tinham grandes janelas ou mezaninos, portas, ou ainda uma associação desses elementos, dando para a rua ou para os pátios dispostos estrategicamente em relação ao edifício para permitir a circulação do ar; dependendo do tipo do terreno, os prédios se elevavam sobre porões para preservá-los da umidade; de modo geral, possuíam habitação para professores; e, nos casos de escolas dirigidas a algum tipo específico de educação, tais como a dos cegos ou o asilo de meninas, detalhes próprios eram acrescentados, sugeridos pelos especialistas que conheciam as necessidades dos que as iriam freqüentar.

Lista de Ilustrações

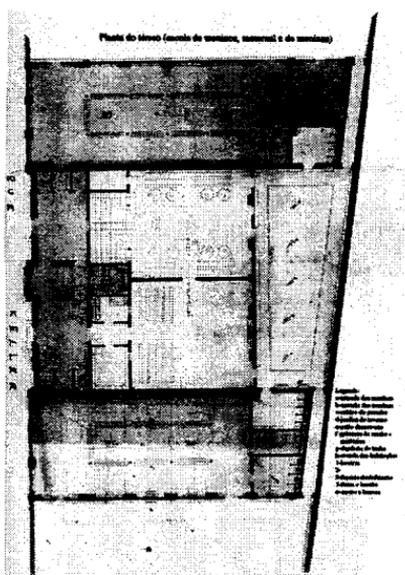


Fig. 1 – Escola da *Rue Keller* – Planta do térreo (escola de meninos, maternal e de meninas).

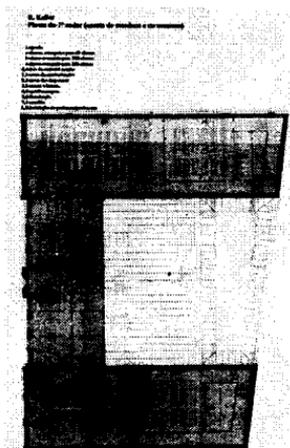


Fig. 2 – Escola da *Rue Keller* – Planta do 1º andar (escola de meninos e de meninas)

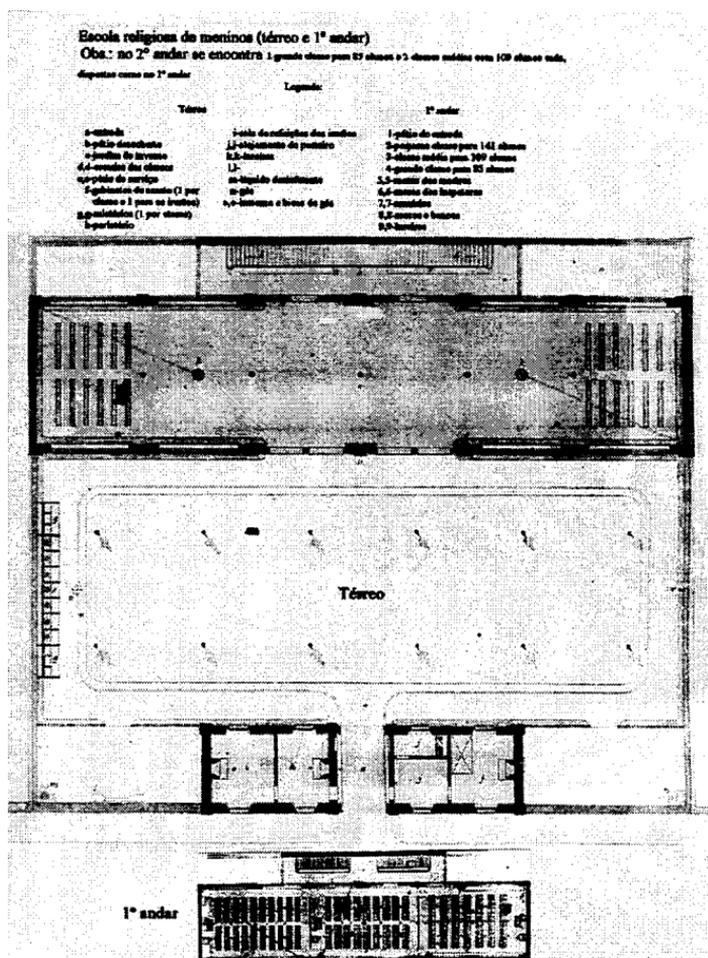


Fig. 3 – Escola da Rue de Roquette (meninos) – Plantas do térreo e 1º andar .

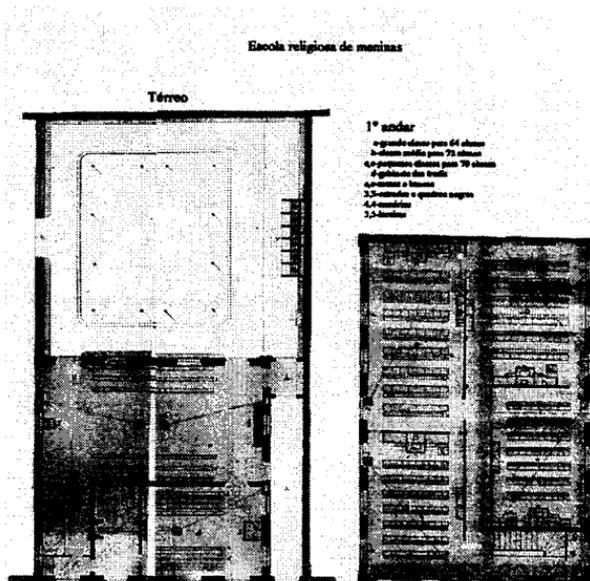


Fig. 4 – Escola na passagem da *Abbaye Saint-Antoine* (meninas) – Plantas do térreo e 1º andar.

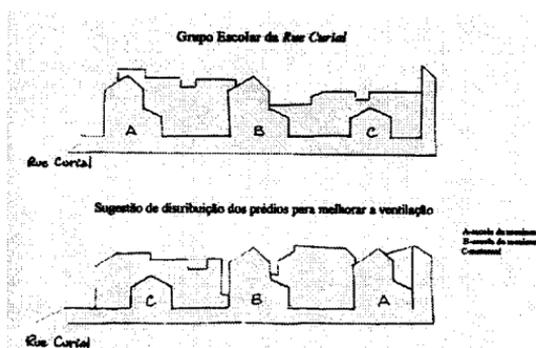
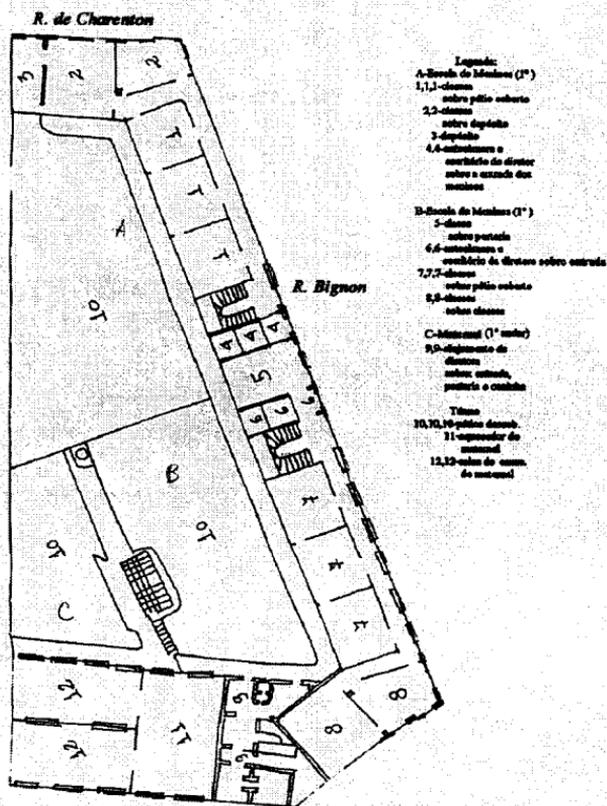


Fig. 5 – Grupo Escolar da *Rue Curial* – disposição dos prédios existentes e sugestão da disposição ideal.

Figura 14: Planta dos prédios da *Rue Bignon*Fig. 6 – Grupo Escolar da *Rue Bignon* – Planta do térreo com o 1º andar sobre ele.

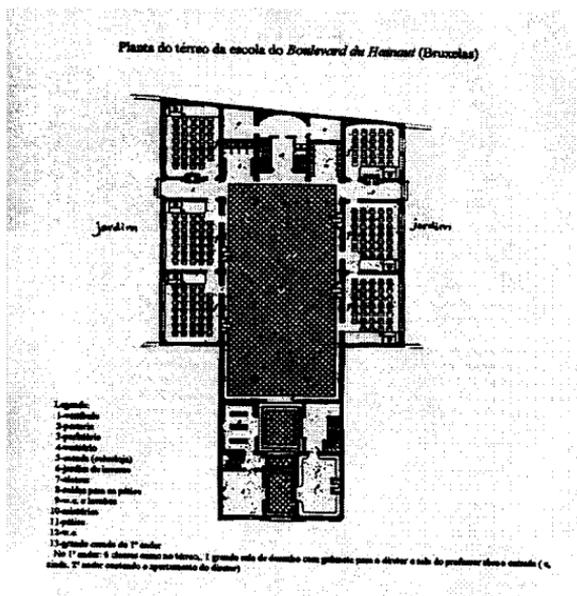


Fig. 7 – Escola do *Boulevard du Hainaut* – Planta do térreo.

Educandário da Santa Casa de Misericórdia

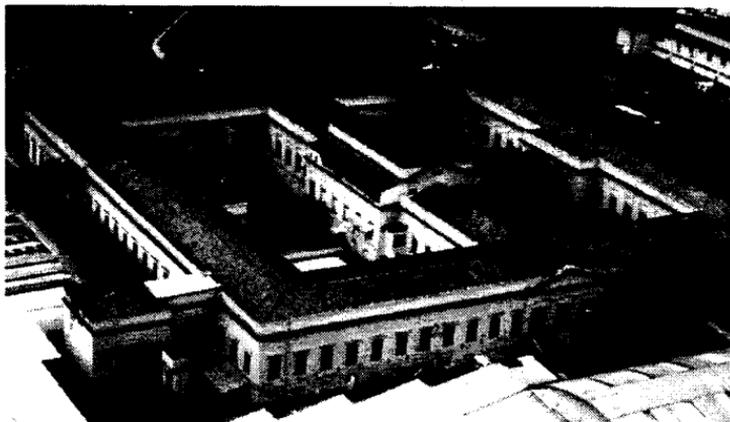


Fig. 8 – Educandário da Santa Casa de Misericórdia – vista do lado de trás.

Colégio Pedro II



Fig. 9 – Colégio Pedro II – reconstrução de Bethencourt da Silva (Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro).

Escola da Freguesia da Glória



Fig. 10 – Escola Municipal da Freguesia da Glória.

Escola da Freguesia de Santa Rita

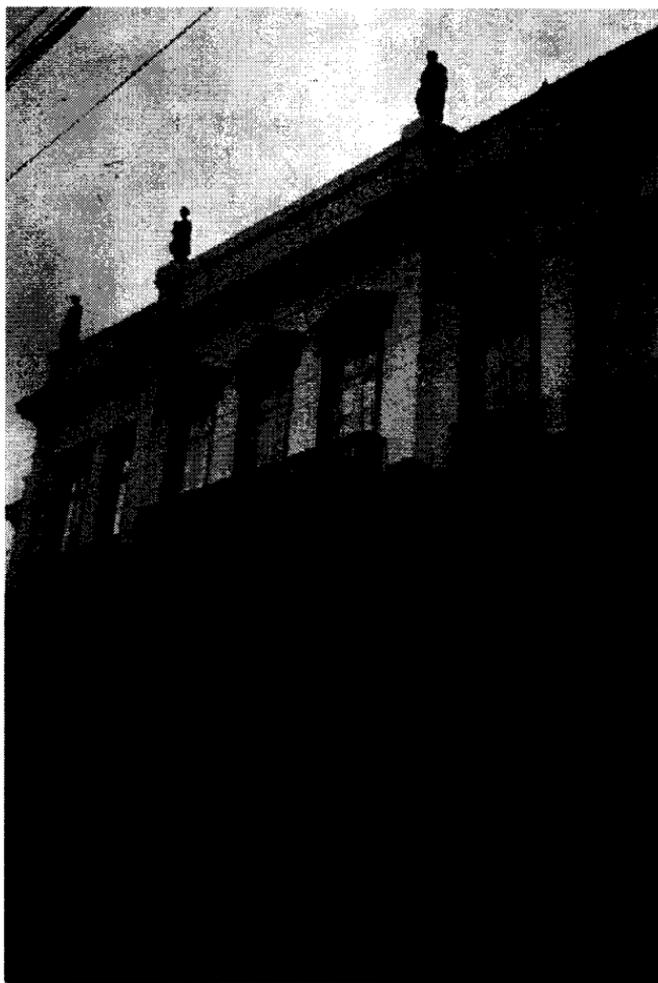


Fig. 11 – Escola Municipal da Freguesia de Santa Rita.

**Planta recente da antiga
Escola da Freguesia de Santa Rita - Térreo**

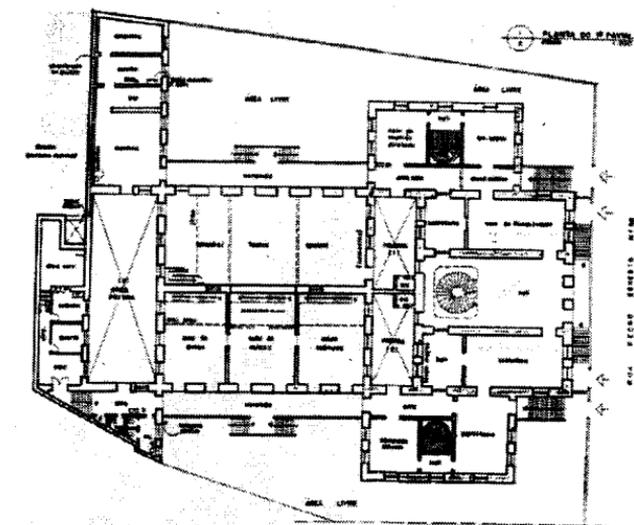
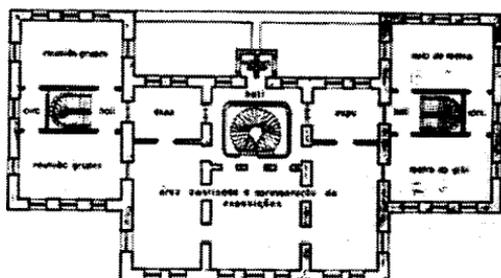


Fig. 12 e 13 – Plantas recentes da antiga Escola da Freguesia de Santa Rita (hoje um Centro Cultural).

**Planta recente da antiga
Escola da Freguesia de Santa Rita - 1º andar**



PLANTA 1º ANDAR
1:200

Fig. 14 – Instituto Benjamin Constant (Escola dos Cegos).